

Apresentação

A crônica é um gênero literário que está diretamente vinculado ao jornal. Forma moderna por excelência, o jornal e a revista se internacionalizaram e estiveram presentes em todos os continentes desde o século XIX. A literatura ocupou o espaço dos periódicos de diferentes modos – conto, romance-folhetim, crítica literária, resenha. A crônica surge enquanto ocupação desse espaço. A ideia de que é um gênero brasileiro pega apenas a face local dessa história, que se volta para aclimatação do jornalismo em um país em que dominava o analfabetismo. A outra face é a referida faceta moderna e internacional.

Parente do ensaio, utilizando diversos procedimentos formais, a crônica traz as marcas do jornal e do diálogo com o cotidiano. Daí deriva o caráter forte de sua intervenção na realidade, no debate nas mazelas que o jornal traz em suas páginas. A efemeridade do jornal é enfrentada pelo esforço da escrita de um texto que pode se tornar peregrino pela qualidade formal. Algumas vezes há a tentativa de escapar ao peso da rotina e da trivialidade, em outras há o interesse de incorporar a matéria cotidiana e de superá-la pela forma literária. O cronista pode se utilizar do diálogo, da narrativa, do lirismo, da ironia, da sátira... De alguma forma, a expressão subjetiva do cronista ganha forma literária que traduz a face peregrina dessa forma efêmera. É para o estudo desse gênero que a revista *Organon*, do Instituto de Letras da UFRGS, abre espaço.

No presente volume, encontramos artigos que estudam diversos autores da literatura brasileira. Sobre Machado de Assis, alguns estudos que se debruçam nas séries *Balas de Estalo*, *Bons Dias* e *A Semana*. Nos estudos machadianos, a sedimentação de muitos anos de estudos interpretativos abre espaço para estudos específicos que se voltam para atuação jornalística de Machado de Assis. As três séries apareceram na Gazeta de Notícias, de Ferreira de Araújo, e mostram o modo como Machado acompanhava a política nacional e a vida do Rio de Janeiro, nos anos 80 do século XIX (*Balas de Estalo*) e, especificamente, a abolição e os estertores do Império (*Bons dias*). Por fim, há sua atuação regular e crítica no período inicial da República.

No período da *Belle époque tropical*, quando o Rio de Janeiro viveu o *bota-abaixo*, dois cronistas representam faces opostas desse processo. João do Rio via as contradições desse processo modernizador, acompanhando as mudanças na vida social tanto no centro como na periferia da cidade. Lima Barreto olhava para a cidade desde o ponto de vista do subúrbio, em uma crítica contundente à elite e à modernização de fachada.

No Rio Grande do Sul, Roque Callage escreveu diariamente sua crônica comentando a vida cotidiana da cidade de Porto Alegre. Um dos seus alvos foi o movimento modernista. É interessante observar no resgate de um autor como esse o quanto se consegue recompor as tensões do campo literário pelo embate quando se olha o presente em movimento nas páginas de um velho jornal. No caso, percebe-se o quanto a leveza da crônica enquanto forma não está vinculada ao modernismo e seu interesse no desenvolvimento de uma escrita capaz de recuperar a coloquialidade.

Rubem Braga é visto como a maturidade da crônica brasileira, por diversos autores, como Antonio Candido, Afrânio Coutinho e Davi Arrigucci Jr., entre outros. De certo modo, como se vê nos estudos e nas entrevistas, esse ponto de vista pode ser questionado, pois tende a colocar a escrita da crônica anterior aos anos 20, como uma pré-história do gênero. Dois estudos trazem contribuição importante para entender esse autor. Por fim, na prática de Carlos Heitor Cony e na reflexão teórica, a crônica é estudada por outros dois artigos.

Depois dos artigos, temos três entrevistas que merecem ser aqui destacadas: John Gledson, Antonio Dimas e Sidney Chalhoub. John Gledson contribui de modo muito significativo para o estudo da crônica brasileira desde seus estudos sobre Machado de Assis. Deve-se destacar o quanto foram importantes suas edições críticas de *Bons Dias* e dos primeiros anos de *A semana*, de Machado de Assis. Não se trata apenas de reunir as crônicas, trabalho por si só árduo e meritoso, trata-se de contextualizá-las em cuidadoso estudo inicial e apresentar notas de rodapé que permitem ao leitor de hoje entender o cotidiano em que Machado intervinha. Antonio Dimas é responsável por organizar as crônicas de Olavo Bilac, mostrando o interesse e o valor do cronista que estava escondido sob o nome do poeta. Bilac traz, junto com Lima Barreto e João do Rio, o comentário da modernização do Rio de Janeiro e seus impasses como aparece no espanto com que lida com a Revolta da Vacina. Por fim, Chalhoub, historiador e machadiano, vem se dedicando há bastante tempo ao estudo de Machado de Assis e incorpora o estudo de sua crônica. Sua leitura valoriza o documento histórico, mas visto pelo viés da forma própria com que Machado

destila sua ironia e sua intervenção na realidade. Também envolvido num grupo de trabalho que realiza a reedição das crônicas machadianas, abre espaço para estudo de outros cronistas.

A presente edição da *Organon* abre espaço para estudos da crônica no Brasil. Quando acabamos de ler seus artigos, percebemos o interesse que há se debruçar numa leitura atenta para a produção desse gênero. Vemos isso, por exemplo, em Graciliano Ramos, cuja edição de textos inéditos em *Garrachos*, é aqui resenhada. O diálogo entre literatura e jornal, entre crônica e cotidiano, revela facetas importantes de seus autores, do campo literário brasileiro e da realidade que os cronistas comentam. Ao mesmo tempo, percebe-se ainda a carência de maior número de estudos que se debruçam sobre outros cronistas. Para não fazer lista extensa, podemos referir pelo menos dois casos. Há um autor muito citado como raiz da crônica brasileira, Francisco Otaviano, mas não é estudado. De que modo Alencar, indicado para ocupar seu lugar como cronista, não aprendeu o ofício de seu antigo confrade? O quanto *ao correr da pena* não deve a Otaviano? Poderíamos falar também de Mário de Andrade, Oswald, Vinícius, Drummond, poetas e cronistas, mas vamos nos fixar em Clarice Lispector cuja atuação em jornalismo é bastante intensa e contraditória. Começa com conselhos às mulheres no final dos anos 50 e, depois, escreve uma coluna no *Jornal do Brasil*, que leva ao limite o caráter comunicativo da crônica.

Entregamos a você, prezado leitor, o volume de artigos, entrevistas e resenha que tratam de algumas partes da história da crônica brasileira, ainda a ser escrita e à espera de colaboradores que se debruçam nas páginas de jornais brasileiros e busquem a literatura ali presente.

Antonio Marcos Sanseverino e Marcos Scheffel
Organizadores